

Parentes das vítimas da hemodiálise acionam clínica

Recife — Um grupo de 15 parentes de mortos por intoxicação hepática durante hemodiálise em Pernambuco decidiu processar o Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR) e o governo do Estado, por perdas materiais e danos físicos e morais. Uma primeira ação terá caráter indenizatório, mas a advogada Rita de Cássia Lins e Silva disse que fará também o acompanhamento do inquérito policial, aberto pela delegacia de Caruaru, para em breve entrar também com um processo criminal. “É preciso que a Justiça esclareça o mais rápido possível de quem é a culpa. No meu entender, a culpa é tanto do IDR quanto do governo estadual, já que, se o primeiro falhou, o segundo não fiscalizou”. Rita de Cássia acredita que o número de famílias que moverão o processo deve aumentar, pois até tinham morrido 36 pessoas que fizeram hemodiálise no IDR.

Mais cinco doentes renais que estavam em Caruaru chegaram ontem a Recife, de ambulância, aumentando para 60 o número de vítimas da hemodiálise internadas no Hospital Barão de Lucena. Desses, pelo menos 21, segundo os médicos, encontram-se em estado grave e quatro permanecem na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Entre os dias 13 e 15 de fevereiro, quando ocorreu a contaminação da água usada pelo IDR na filtragem de sangue, 147 pessoas fizeram hemodiálise na clínica de Caruaru.

Hipóteses — O secretário de Saúde de Pernambuco, Jarbas Barbosa,



reafirmou ontem que as duas hipóteses mais fortes para explicar a contaminação continuam sendo a presença de metais pesados ou da toxina Microsistina-LR na água do instituto. Esta toxina é encontrada em algas azuis (cianofícias) muito comuns em mananciais do Nordeste. Amostras colhidas pela pesquisadora carioca Sandra Azevedo, da UFRJ, foram enviadas para o cien-

tista norte-americano Wayne Carmichel, considerado o maior especialista em algas azuis do mundo. Pesquisador da Wright State University, no estado de Ohio, ele concordou em examinar também amostras de sangue e fígado de alguns mortos da hemodiálise. Segundo Jarbas Barbosa, esses exames complementares servirão de contraprova às pesquisas de Sandra Azevedo.

O secretário afirmou que outros pesquisadores estudam a presença de metais pesados na água do IDR. A única probabilidade a favor dessa hipótese, por enquanto, é o fato de que alguns sintomas apresentados pelos pacientes internados no Barão de Lucena são semelhantes ao de pessoas intoxicadas por excesso de chumbo, alumínio e ferro.